



SESSÃO DE PÔSTERES

ESTUDO TRANSCULTURAL BRASIL-PORTUGAL: REPRESENTAÇÕES MATERNAIS E SUAS ASSOCIAÇÕES COM APEGO INFANTIL

Autor(es): RIBEIRO, C. C., FUERTES, M., SANTOS, P.L, GONçALVES, J.L, RODRIGUES, C., TEODORO, A.T.H., BEEGHLY, M., LAMÔNICA, D.A.C.

Introdução: Nos países ocidentais, o cuidado pós-parto e a responsividade materna aos interesses e necessidades das crianças, durante o primeiro ano de vida, são considerados fortes preditores do apego seguro. Embora Brasil e Portugal compartilhem uma língua e cultura semelhante, eles se diferem em outras dimensões, por exemplo: sociais, parentais e políticas. Pensando nestas dimensões culturais o objetivo do estudo foi comparar as representações perinatais de mães brasileiras e portuguesas 48 horas após o nascimento dos bebês, e avaliar a associação com a segurança do apego infantil aos 12 meses. **Métodos:** Cumpriram-se os princípios éticos (27875614.3.0000.5417). A amostra foi constituída por 51 mães-mães-bebês, sendo 25 Portuguesas e 26 Brasileiras. Todos os procedimentos realizados foram idênticos em ambos os países. O processo de avaliação iniciou-se nas primeiras 48 horas após o parto, por meio de Entrevista Materna semiestruturada, com objetivo de coletar as representações das mães sobre gravidez, trabalho de parto, expectativas sobre o papel parental, o humor de seu bebê e os futuros resultados de desenvolvimento da criança. Para análise das entrevistas utilizou-se o Método de Análise de Conteúdo de Bardin. Após o recrutamento inicial, aos 12 meses as mães foram contatadas para retornar ao hospital, para realizar a avaliação do comportamento de apego do bebê, por meio da Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978). Este procedimento consiste em um paradigma laboratorial de 21 minutos envolvendo uma sequência de oito episódios, projetados para provocar níveis leves, mas crescentes de estresse no bebê (por exemplo, ser apresentado a uma sala de jogos desconhecida, interagir com um estranho adulto desconhecido e breves separações e reuniões com a mãe). Para classificação do apego infantil, as filmagens foram analisadas por dois cotadores treinados e confiáveis (confiabilidade de 90%), utilizando a classificação proposta por Ainsworth et al., 1978. A escala possui a categoria segura (B) e insegura (junção de A: Evitante e C: ambivalentes/resistente). A classificação proposta por Mary Main e Solomon (1986), também foi utilizada para classificar os desorganizados/desorientados (D). A análise estatística foi realizada por meio do teste t de amostras pareadas. **Resultados:** Como esperado, em ambas as amostras, o número médio de mães com representações perinatais positivas e negativas foi negativamente associado entre si. Quanto à classificação do apego na amostra Portuguesa, obteve-se o seguinte resultado: 60% foram classificadas como seguras e 40% como inseguras, na amostra Brasileira 48% eram seguras e 53,9% inseguras. Nenhuma classificação (D) desorganizada/desorientada foi identificada em ambas amostras. Na amostra brasileira, as mães de bebês classificadas como seguros, apresentaram maior média de representações perinatais positivas do que as mães de crianças classificadas como inseguras ($p < 0,001$). Da mesma forma, na amostra portuguesa, as mães de bebês classificadas como seguras, apresentaram maior número médio de representações perinatais positivas, do que as mães de bebês classificadas como inseguras ($p < 0,05$). **Conclusão:** Os resultados obtidos foram semelhantes em cada país, corroborando pesquisas anteriores em países ocidentais, que indicam que as mães com representações perinatais mais positivas foram mais propensas a ter bebês classificados como apego seguro aos 12 meses.

Dados de publicação

Página(s) : p.11399

URL (endereço digital) : http://www.sbfaf.org.br/portal/anais2019/trabalhos_select.php?id_artigo=11399&tt=SESSAO%20DE%20P%20STERES

ISBN 978-85-89902-07-6